

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)3 mar 2017 | O Globo | RAFAEL GALDO [rafael.galdo@oglobo.com.br](mailto:rafael.galdo@oglobo.com.br)

# Morada de bambas, lugar de gente orgulhosa e campeã

## No dia seguinte aos títulos da Portela e do Império Serrano, Madureira e Oswaldo Cruz amanhecem sob efeito da alegria

Amanhã chegou de ressaca. Hora de tirar a fantasia, voltar à rotina, encarar o transporte lotado... Com sorriso de orelha a orelha, pelo menos em Madureira e Oswaldo Cruz, que acordaram ontem campeãs, com Império Serrano e Portela. No lugar cercado de luta e suor, como bem cantaram Arlindo Cruz e Mauro Diniz, o comércio do Mercadão e da Edgar Romero fervia. A correria nas estações do trem e do BRT era a mesma de sempre. Tinha camelô na calçada, buzina no trânsito, descanso no parque... Mas tudo vestido de um orgulho que há muito não se via, fosse em azul e branco ou verde e branco.

E quem não tinha sua indumentária tratava logo de providenciá-la. Cedo, Fátima Regina dos Santos mal conseguia terminar de estender as camisas da Portela que pôs para vender num varal no coração de Madureira. Pendurava uma, tinha que parar para atender um novo cliente.

— Trabalho na Uruguaiana. Mas, como sou portelense e moro aqui, resolvi trazer as camisas para cá. É para vender tudo. Afinal, depois de 33 anos, temos muito que celebrar — dizia ela, orgulhosa.

Perto dali, na Rua Clara Nunes, em Oswaldo Cruz, a quadra da azul e branco virou atração. Teve até mangueirense, paramentado de verde e rosa, parando para tirar uma foto no bandeirão da Águia, no Portelão. O vaivém de baluartes, assistas e diretores não cessou durante todo o dia, mesmo com a festa da Quarta-Feira de Cinzas tendo ido até o amanhecer.

— A espera foi terrível. Trinta e três anos! É muito tempo. Não gosto nem de lembrar do desfile de 2005, por exemplo, quando a velha guarda não conseguiu desfilar e quase fomos rebaixados. Mas, agora, é só alegria — dizia Maria Madalena Rocha, que entrou na Portela como faxineira em 1967, virou ajudante na feijoada da Tia Vicentina e acabou se tornando uma das diretoras do departamento feminino e compositora.

**PORTELINHA: TEMPLO DO SAMBA** Madalena é uma das remanescentes dos tempos em que a sede da azul e branca ficava nas imediações da atual Praça Paulo da Portela, que leva o nome de um dos fundadores da escola, também em Oswaldo Cruz. Numa área até hoje de casas típicas do subúrbio carioca, foi ali o ninho da Águia Altaneira até 1972, na Portelinha, a primeira quadra coberta de uma escola de samba no Rio. Como um templo da música, é endereço, ainda hoje, de eventos como bailes da velha guarda. E tem um vizinho tão envaidecido com a escola que não contém o entusiasmo.

—É a maior torcida do Brasil, maior até que a do Flamengo — garantiu Estevão Alves, tentando explicar o motivo de tanta devoção. — Na barraca do Gaúcho, no Bar do Jorge, em cada boteco, em qualquer esquina daqui tem uma batucada, se faz poesia. O desfile na Sapucaí é o baile de gala oficial de tudo que acontece durante o ano inteiro. Esta é uma região que produz cultura. Daí vem tanto fanatismo pela Portela — concluiu ele, dono de uma pequena padaria onde costumam ser travados muitos debates sobre a agremiação.

E sempre foi assim. A região de Madureira, na diversidade de mais de 370 mil moradores, não é só de samba. Tem jongo na Serrinha, charme debaixo do viaduto, bailes funk, futebol no Madureira Esporte Clube... Mas ruas, bares ou qualquer outro comércio da região constantemente viram pontos de encontro de sambistas.

Presidente de honra da Portela, Monarco trabalhava na feira com o compositor imperiano Silas de Oliveira. Foi na lida como caixa de uma loja de material de construção que Marquinhos de Oswaldo Cruz, idealizador de festas como a Feira das Yabás, conheceu o célebre Manacéa. E hoje não é difícil um jovem portelense topar com Tia Surica perto da Rua Carolina Machado. Ou um pequeno torcedor do Império se deparar com uma lenda da verde e branco na estação de Magno (atualmente chamada de Mercadão).

Um universo que encantou Paulinho da Viola. Criado em Botafogo, ele frequentava a casa de uma tia na Vila Valqueire. Lá, criou um bloco e foi convidado para ingressar na União de Jacarepaguá. Até que um diretor da azul e branco o chamou para conhecê-la, em 1964. Pronto, como ele escreveu, foi um rio que passou em sua vida. Versos, aliás, que inspiraram o enredo campeão deste ano. E que já tinham feito parte do desfile que, até anteontem, era o último título da escola sozinha, em 1970.



— Estávamos montando a escola na Candelária quando Natal pediu para eu cantar esse samba. Depois, o desfile já tinha terminado, e o povo voltou a cantar — contou Paulinho, que assistiu ao carnaval deste ano pela TV, no Rio Grande do Norte. — Estou muito feliz com o campeonato. E emocionado em saber que até mangueirenses aplaudiram a Portela. Isso é o samba.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | [www.newspaperdirect.com](http://www.newspaperdirect.com), EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)